



**Universidade de Brasília – UnB**

**Instituto de Letras - IL**

**Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET**

**DOUGLAS MARTINS CARLOS SOUZA**

**ALTERIDADE, IMPASSE E CONFRONTO. *EL PALOMO COJO* E A  
PROBLEMÁTICA TRADUTÓRIA NA NARRATIVA MENDICUTTIANA:  
UMA PROPOSTA DE (RE)TRADUÇÃO**

Projeto Final do Curso de Tradução

Brasília - DF

2016

DOUGLAS MARTINS CARLOS SOUZA

**ALTERIDADE, IMPASSE E CONFRONTO. *EL PALOMO COJO* E A  
PROBLEMÁTICA TRADUTÓRIA NA NARRATIVA MENDICUTIANA:  
UMA PROPOSTA DE (RE)TRADUÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras -  
Tradução / Espanhol da Universidade de  
Brasília (UnB), como requisito parcial para a  
obtenção do título de bacharel em Letras -  
Tradução.

Orientador: Julio César Neves Monteiro

Brasília - DF

2016

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Projeto Final de Curso apresentado à Universidade de Brasília  
como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Letras/Tradução Espanhol.

---

Douglas Martins Carlos Souza

Data da defesa: Brasília, 06 de julho de 2016.

### **Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro (LET - UnB)

Orientador

---

Magali de Lourdes Pedro (LET - UnB)

---

Sandra María Pérez López (LET - UnB)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos mestres que me incentivaram a apreciar o fantástico mundo da literatura, especialmente Raquel Parrine e Anderson da Mata.

Ao professor Júlio César Neves Monteiro, pela orientação durante esse processo de escrita.

Aos meus queridos colegas de graduação, pela paciência e compreensão durante esses quatro anos de academia, em especial à Bárbara Pádua, Juliana Martinez, Juliana Rodrigues, Luiz Antonio, Matheus Brito, Sthefany Henrique, Tayanne Marçal e Willian Silva.

As professoras Magali e Sandra pela participação na Banca.

*“A propement parler, il n'existe pas de texte original; tout mythe est, par nature, une traduction, il a son origine dans un autre mythe provenant d'une population voisine”.*

Claude Lévi-Strauss

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de (re)tradução do espanhol para o português de parte da obra *El palomo cojo*, de autoria de Eduardo Mendicutti, acompanhada de comentários relativos ao processo tradutório envolvido e à problemática do gênero e da tradução. As considerações teóricas utilizadas foram baseadas em escritos de Paul Ricœur e Paulo Henriques Britto, sendo utilizadas notas de rodapé como modo de exemplificar aspectos que considerei importante serem comentados.

Palavras chaves: tradução, literatura, gênero e tradução, Eduardo Mendicutti.

## RESUMEN

Este trabajo presenta una propuesta de (re)traducción del español al portugués de parte de la obra *El palomo cojo*, de autoría de Eduardo Mendicutti, acompañada de comentarios relativos al proceso traductor implicado y la problemática del género y de la traducción. Las consideraciones teóricas utilizadas fueron basadas en escritos de Paul Ricœur y Paulo Henriques Britto, siendo utilizadas notas de pie de página como modo de ejemplificar aspectos que consideré importante comentar.

Palabras claves: traducción, literatura, género y traducción, Eduardo Mendicutti.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS .....	11
2.1 Literatura.....	11
2.2 A problemática do gênero e da tradução .....	13
3. RELATÓRIO DE TRADUÇÃO .....	15
3.1 O título .....	16
3.2 Cafre, Balarrasa y Balaperdida da família .....	16
3.3 A coloquialidade e o uso de expressões.....	18
3.4 Proximidade entre línguas .....	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	20
ANEXO I - TRADUÇÃO .....	22
ANEXO II .....	42



## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva propor uma nova tradução de parte de *El palomo cojo*, romance publicado em 1991, de autoria do escritor espanhol Eduardo Mendicutti, sem tomar como base a tradução de Carlos Nougué, publicada no Brasil em 1998.

O trabalho está dividido em três partes, sendo elas: I - considerações teóricas, em que tratarei de questões relacionadas a aspectos literários, problemática do gênero e questões tradutórias, II - relatório de tradução, em que serão analisados aspectos da tradução, como aspectos linguísticos, literários e de cultura e III - anexos, onde consta a (re)tradução dos dois primeiros capítulos do romance e imagens do livro publicados e da tradução existente.

O objetivo de propor uma (re)tradução deu-se pelo fato da renovação constante da língua e da necessidade de retraduições de obras literárias e por considerar que a tradução publicada ignora fatores importantes da narrativa, inclusive ao notar a não existência de nenhuma nota de rodapé ou comentário dentro do livro, sendo o uso de paratextos importantes na melhor compreensão em obras desse tipo.

Eduardo Mendicutti nasceu na cidade de Sanlúcar de Barrameda em 24 de março de 1948, ganhou o prêmio Sésamo em 1973 por seu romance *Tatuaje*, que foi censurado durante o período franquista e permanece inédito, seu primeiro livro publicado foi *Una mala noche la tiene cualquiera*. Ganhou também o prêmio Nino Gennaro, concedido pela *Sicilia Queer Film Festival*, pelo reconhecimento da qualidade de suas obras literárias e por seu compromisso em defesa aos direitos homossexuais.

Suas obras possuem uma temática homossexual, duas delas foram adaptadas ao cinema, sendo elas: *El palomo cojo* e *Los novios búlgaros*.

Mendicutti define sua obra como “literatura gay”, cabendo aqui ressaltar, como afirmado em diversas entrevistas pelo próprio, que se trata de uma literatura que conta histórias do cotidiano de homossexuais.

Dentro do contexto acadêmico brasileiro não há muitos trabalhos sobre esse admirável escritor espanhol contemporâneo, que é importantíssimo no trabalho de trazer à tona o cotidiano da população LGBTTI<sup>1</sup>, mostrando suas mais variadas vertentes e reiterando a

---

<sup>1</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, e interssexuais.

importância da visibilidade de uma população que foi colocada à margem durante muito tempo dentro do contexto acadêmico/social, tido por muitos, ainda hoje, como tabu.

Carlos Nougé já traduziu obras importantes de autores como Cervantes, G.K Chesterton, Cícero, Sêneca, Santo Agostinho, entre outros. Além de tradutor e lexicógrafo é também gramático, tendo afirmado em entrevista que se agradou de poucas de suas mais de trezentas obras traduzidas.

## 2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

### 2.1 Literatura

Diversos teóricos têm tentado, durante séculos, definir o que é literatura, qual sua função e o porquê da literatura, atividade que, por tratar-se de uma “teoria”, não é possível chegar a um consenso.

A literatura desempenhou diversos papéis durante a história da humanidade, tendo surgido muito antes da escrita, por meio de narrativas orais em que se contavam histórias diversas sobre o cotidiano do homem.

Após o surgimento da escrita, o homem foi capaz de demonstrar em palavras suas emoções e sentimentos, tendo o escritor desempenhado o papel de agente entre a letra e o conteúdo, conforme reflexiona Sartre em sua obra *Que é literatura*, que nos faz pensar sobre a função do escritor diante de tais questionamentos: “O escritor é *falador*, designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua” (SARTRE, 2004, p.18).

O texto em prosa diferencia-se em diversos aspectos do poema, tendo, conforme acredito, o papel de pronunciar um discurso baseado no conhecimento prévio desse leitor/escritor, que é um agente que transmite em palavras pensamento anteriores, sendo um artista, um transportador de emoções, sentimentos, etc.: “A arte da prosa se exerce sobre o discurso, sua matéria é naturalmente significativa: vale dizer, as palavras não são, de início, objetos, mas designações de objetos” (SARTRE, 2004, p.18).

É na literatura que diversos escritores encontram a liberdade de expressar-se, de transpor sentimentos desconhecidos, sendo capaz de alcançar o outro (leitor). Em um processo de diálogo em que sentimentos recíprocos são compartilhados, o outro passa a sentir-se dentro do texto, tendo esse a capacidade de desempenhar papéis diversos naquele que possui-lo, aquele que tem a oportunidade de sentir o outro (mesmo que em parte) como parte de si: “o escritor sabe que fala a liberdades atoladas, mascaradas, indisponíveis; sua própria liberdade não é assim tão pura, é preciso que ele a limpe; é também para limpá-la que ele escreve” (SARTRE, 2004, p. 55).

Para a maioria das pessoas a noção de literatura está ligada a noção do texto clássico, de história, de algo que foi escrito por alguém que não pertence ao mesmo período vivido,

inclusive pela ideia de ensino tradicional, que acredita que os clássicos são a verdadeira literatura.

Surge então o termo “literatura contemporânea”, que é a classificação dada à literatura produzida nos dias atuais. Mas o que seria essa tal “literatura contemporânea”?

Acredito que a “literatura contemporânea” é uma literatura, não especificamente do “tempo atual”, mas uma literatura que trata de questões atuais, que representa inquietudes de seu tempo, de seus anseios e frustrações: “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p.59).

Apesar de a literatura contemporânea refletir sobre problemas da contemporaneidade, desempenhando o papel de restituir grupos apagados historicamente, trazer voz a sujeitos marginalizados dentro da própria cultura latino-americana, é importante ter conhecimento da literatura clássica, pensando na história como parte daquilo que é produzido atualmente: “(...) a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode ser contemporâneo” (AGAMBEN, 2009, p. 69).

A noção de tempo/espaço é de suma importância da narrativa de Eduardo Mendicutti, especificamente em *El palomo cojo*, onde é possível notar a presença da voz desse narrador, que recupera em sua memória momentos de sua infância, mesmo que de modo não muito claro, em concordância com tendências contemporâneas:

o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele aprende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009,p.69).

Considero importantíssima a literatura contemporânea na formação de leitores de outros tipos de textos, não apenas por leitores que se sintam identificados com o a temática, mas por sujeitos que queiram perceber formas possíveis de literatura.

## 2.2 A problemática do gênero e da tradução

A literatura gay, produzida por autores como Eduardo Mendicutti, tem se tornado cada vez mais comum na literatura espanhola contemporânea, sendo de grande importância na visibilidade de um público que tem sofrido diversas situações de preconceito na sociedade heteronormativa baseada no binarismo homem x mulher, inclusive dentro da literatura.

A escolha de trabalhar determinado tema sensível, considerado por muitos como tabu, algo que não deve ser trabalhado, dá-se não somente pela proximidade pessoal com o tema, mas também para, de algum modo, dar voz a sujeitos marginalizados e pensar também em formas distintas de produção de literatura, não somente aquela que o cânone define como boa literatura, reiterando a ideia de que “*la producción literaria de Eduardo Mendicutti se integra, a la vez que constituye uno de sus principales referentes, a la corriente narrativa que los estudios críticos especializados en la materia, y el propio autor, han denominado como literatura homosexual o gay*” (BONATTO, 2014, p.160).

A obra de Mendicutti sofreu grande repressão durante o período franquista, percebida no fato de sua primeira novela *Tatuaje* ter sido censurada, não sendo publicada até o presente momento.

O movimento literário de Mendicutti traz novas perspectivas sobre a representação de homossexuais na literatura, onde se nota uma nova abordagem sobre a população *queer*<sup>2</sup>, como o tema da descoberta da sexualidade trabalhada de modo poético, por meio do resgate da memória pelo narrador, alternando a descrição de cenas com o resgate de lembranças da infância:

Cultivada no exclusivamente, valga la aclaración, por autores que se definen a sí mismos como homosexuales, este tipo de escritura ha privilegiado una serie de recursos narrativos específicos, como la enunciación en primera persona y el uso de la forma autobiográfica, orientados hacia una mayor visibilidad para el sujeto masculino no heterosexual (BONATTO, 2014, p.160).

A literatura espanhola passou por momento de repressão, em que se foi possível trabalhar com temas sensíveis por meio de figuras de linguagem como a memória, visível em autores como Federico García Lorca, que dentro de *El palomo cojo* é citado como a

---

<sup>2</sup> “Queer” adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58)

representação da arte, pela tia de Felipe, contrariando a ideia tradicional da família tradicional: “*el trabajo de la obra de Eduardo Mendicutti en torno a temas y personajes no heterosexuales lo convierten en uno de los referentes culturales más importantes en la contribución de la homosexualidad en España*” (BONATTO, 2014, p.161).

Uma das grandes dificuldades de traduzir tal obra deu-se no uso recorrente do humor, característico da narrativa mendicutiana e, também, pelo uso do dialeto andaluz, com expressões mescladas ao espanhol:

Uno de los mayores logros de la prosa narrativa de Eduardo Mendicutti radica en el modo en que el uso del humor ha sido puesto al servicio de un doble fin, cuyas aristas se enriquecen mutuamente: de un lado, el placer estético que se obtiene ante la ocurrencia lingüística ingeniosa y ante la recreación magistral del habla coloquial (especialmente la de la Andalucía profunda y la jerga característica madrileña gay o de las *locas*) (BONATTO, 2014, p.164-165).

A difusão de traduções da obra de Mendicutti no Brasil ainda é bastante escassa, notada no fato de que o escritor possui, até o momento, apenas uma obra publicada no Brasil, que é *El palomo cojo*. Por isso optei por retraduzir tal obra, tendo como objetivo a difusão de tal escritor no Brasil: “*albeit gay discourse has recently gained careful and marked consideration as well as exercised significant influence in post-modern societies, especially in Brazil, the way gay’s voices are represented is still problematic*” (RODRIGUES JUNIOR, 2004 p. 57).

O tradutor já foi considerado por muitos como um traidor, por algumas vezes utilizar estratégias de adaptação não muito bem aceitas ou por erros problemáticos de tradução: “a maioria das pessoas acredita que o tradutor é sempre inferior ao autor traduzido, crença retratada no provérbio *traduttore traditore*” (COSTA, 2005, p.33).

A decisão de produzir uma tradução *domesticadora* ou *estrangeirizante* é algo bastante complicado. Alguns autores inclusive defendem que o tradutor deve ter essa escolha claramente, discordo por acreditar ser impossível pensar em uma tradução que seja completamente delimitada: “na verdade, a própria ideia de que seria possível fazer uma tradução totalmente domesticadora ou totalmente estrangeirizante não pode ser levada a sério” (BRITTO, 2010, p. 136).

### 3. RELATÓRIO DE TRADUÇÃO

Traduzir um texto literário requer diversas habilidades do tradutor, tendo em vista a complexidade de tentar manter, de algum modo, o que foi escrito pelo autor. É necessário em diversos momentos, abrir mão de determinadas características apresentadas no texto fonte em prol de ganhos futuros, sendo, conforme acredito, impossível propor uma tradução que concentre os diversos aspectos do texto literário, tais como: ritmo, figuras de linguagens, estrutura, subjetividade, contexto de publicação, entre outros fatores.

“Talvez seja mesmo preciso dizer que é na retradução que se observa melhor a pulsão sustentada pela insatisfação no que concerne às traduções existentes” (RICŒUR, 2011, p. 26-27).

O objetivo deste relatório centra-se na análise de estratégias e adaptações utilizadas durante o processo de (re)tradução, averiguando as alterações feitas durante essa proposta de produção de um texto retraduzido e elucidando aspectos que considero relevantes.

O processo de tradução utilizado foi o de, primeiramente, traduzir os capítulos de *El palomo cojo*, tomando nota das dificuldades iniciais, para a seguir investigar a origem de determinados termos em *andaluz*, região em que nasceu Eduardo Mendicutti e, em seguida, revisar as escolhas lexicais, sem ter conscientemente por objetivo o que muitos teóricos sugerem: a escolha de tomar a tradução por *estrangeirizante* ou *domesticadora*, conforme sugere Paul Ricoeur: “Parece-me que a tradução não implica apenas um trabalho intelectual, teórico ou prático, mas também um problema ético” (RICŒUR, 2011, p.48).

A ética é algo de suma importância em obras que trabalham com tal temática, pois o modo de representação está relacionado ao posicionamento político dos escritos, de suas ideias e modo de imposição diante da sociedade.

O título do primeiro capítulo, *La destemplanza*, segundo o *Diccionario de La Real Academia* pode significar não somente o sentido de febre, mas de um mal estar, como é tratado no romance, pois se trata de sintomas que foram detectados pelo médico, relacionados à descoberta da sexualidade na infância. Mesmo com essa problemática optei por traduzir por “febre”, pela explicação dada durante a obra, da mesma forma que Carlos Nougué, porém optei por uma nota explicativa.

### 3.1 O título

O título não traz, inicialmente, a um leitor que não tenha afinidade com expressões de língua espanhola, o significado sobre o que poderia significar fora de seu contexto, tendo em vista tratar-se de uma referência à expressão “*ese es más maricón que un palomo cojo*”<sup>3</sup>. Ela se refere ao fato de que, conforme se acreditava, os pombos mancos, por não conseguirem alcançar a altura das fêmeas para cópula, eram incapazes de procriar, sendo então uma das formas de designar pejorativamente homossexuais, e que no romance é observado no modo como Felipe se sente por ter uma perna menor que a outra e, posteriormente, por sua identificação com tais animais.

Desde aquella tarde, empecé a ver aquella paloma casi todos los días que íbamos a casa de mis abuelos, y en cuanto pude se la señalé a la Mary. Ella se rió de mis ocurrencias y me explicó después, dándose muchos aires de enterada, que no era paloma sino palomo y que lo único que le pasaba era que había salido cojo y que ya sabía yo lo que se decía de los palomos rengos (MENDICUTTI, 1998).

Optei por uma tradução *literal* do título, tendo em vista que no decorrer da narrativa é possível perceber, por meio da explicação dada pelo narrador, o sentido que o título possui dentro da obra, em diversos momentos, não apenas por seu sentido pejorativo, mas pela relação de identificação construída entre o personagem Felipe e o animal durante todo o romance, reiterando a sua importância na construção da descoberta da sexualidade do jovem garoto.

### 3.2 Cafre, Balarrasa y Balaperdida da família

A palavra *cafre* é utilizada para designar o personagem Ramón, tio de Felipe, tendo grande importância na própria construção da imagem feita pelo garoto, que não tinha muitas lembranças de seu tio, tendo-o visto poucas vezes antes de seu retorno a casa de seus avós.

A palavra possui uma carga semântica expressiva, herdada do português *cáfer*, e é utilizada comumente na Espanha.

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário gay *Moscas de colores*: “La expresión ‘Palomo Cojo’ pertenece a la categoría del ‘concepto de torcido’ junto a otras palabras y expresiones como la inglesa *queer*, las españolas *desviado* o *tortillera*, la palabra árabe *šād*, o la noruega *skeiv*, todas con el sentido de torcido, anormal, malogrado, desviado o estropeado”.



Dentro da narrativa caracteriza um personagem artístico, que viaja pelo mundo sem exemplificar claramente por qual razão, despertando um sentimento de curiosidade e inspiração sobre Felipe:

En la época colonial, los españoles y criollos llamaban ‘cafres’ a los esclavos negros, y pronto se utilizó para identificar con él a toda aquella persona alejada de lo que podría definirse como civilizado y culto. De hecho, en América -como en España-, con alguna diferencia de matices, se suele usar cafre para definir a individuos (e individuos) poco educadas, ignorantes, tontas, que puedan afectar a la tranquilidad de otros o que pueden incluso llegar a causar daños a terceros. En general, un cafre es un bruto. O una bruta, para ser políticamente correctos y correctas (GARCIA, 2014).

Optei por traduzir por *cafajeste*, que em português, apesar de não ter origem semelhante, pode ter o sentido de uma pessoa que possui hábitos fora do tradicional, que leva uma vida boêmia, sem apego sentimental.

Outro adjetivo utilizado para designar Ramón é *balarrasa*, que segundo o DRAE coloquialmente é utilizada para designar uma pessoa *juerguista y desenfadada*, optando por traduzi-la por *safado*, que coloquialmente apresenta, ou não, um sentido pejorativo, deixado margem à interpretação do leitor sobre as características do personagem, conforme pode ser depreendido do romance em espanhol.

A expressão *balaperdida*<sup>4</sup> é utilizada no texto para caracteriza-lo como alguém que cria confusões na família, característico por suas atitudes brincalhonas a todo tempo, satirizando diversos membros da família. Optei por traduzir por *ovelha negra da família*:

Mi tío Ramón, el hermano más joven de mi madre y el balarrasa de la familia, también se metía con la pobre tía Emilia en cuanto se encartaba y le decía que en aquel pueblo la gente bien había vivido siempre en el Barrio Alto, que el Barrio Bajo era para gente de medio pelo, por mucho pisto que se diera, y para los marineros de la calle Barrameda. Tía Emilia entonces se ponía hasta colorada y decía que tío Ramón era un cafre y un balaperdida, pero que tenía mucho encanto y mucho caché (MENDICUTTI, 1998).

---

<sup>4</sup> “si aplicamos este significado a las personas, ser un bala perdida es ser alguien con un comportamiento impredecible, inmoral, alocado, sin respetar pautas ni comportamientos sociales establecidos y cuyas acciones probablemente hagan daño a alguien”.

### 3.3 A coloquialidade e o uso de expressões

A expressão “*estaba hecho un escarque*” possui várias possibilidades no português. Optei por traduzi-la por “estar só o pó”, referindo ao fato de a bicicleta estar velha, desgastada, assim como o autor utiliza ao referir-se ao fato de a família de Felipe, mesmo possuindo um nome conhecido, não usufruir de bens materiais como antigamente.

Pelo fato de Mendicutti ser da região de Andaluzia, é recorrente o uso de expressões andaluzas, como no momento em que o médico afirma que “*esto sí que tiene guasa*”, podendo referir-se a uma ironia ou de não ter graça, de algo complicado.

Outra expressão utilizada é “*este tiene más cuento que Calleja*”, que historicamente remete ao proprietário do *Editorial Calleja*, que publicava contos a preços populares, referindo-se assim ao fato de ter uma grande quantidade de livros. Porém, o sentido utilizado é o de uma pessoa que está sempre inventando histórias.

### 3.4 Proximidade entre línguas

A grande dificuldade de trabalhar com línguas “próximas” é notória quando, inevitavelmente, cometemos erros ao acharmos que a tradução é apenas uma transposição da letra, tendo o tradutor que estar sempre alerta para não cometer equívocos no momento da tradução, como no caso de *falsos amigos*.

Pude perceber durante esse trabalho que a tradução está muito além do conhecimento das duas línguas e que para ser tradutor é necessário conhecer bem o material que se está trabalhando e suas possíveis problemáticas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de traduzir parte da obra de Eduardo Mendicutti deu-se pelo interesse da temática trabalhada, pela pouca difusão de seus trabalhos no Brasil e suas especificidades.

Durante o processo de leitura da obras foi possível perceber diversas dificuldades de tradução, inclusive pela proximidade entre línguas.

No decorrer do trabalho foi possível perceber a árdua tarefa que é ser tradutor, suas escolhas e abdições em nome de uma possível tentativa de manter-se fiel ao original, sem deixar de levar em consideração a autonomia do tradutor diante do texto fonte.

O processo de leitura de artigos e obras relacionadas ao tema foi seguido do fim da tradução, onde pude refletir sobre a importância de conhecer atentamente a obra, observando os mais variados aspectos textuais para evitar possíveis erros durante a tradução.

Esse trabalho foi de suma importância na compreensão do outro, do desafio da impassibilidade na tradução e na literatura, de poder lidar com confrontos no momento de leitura e de tradução.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<<http://www.moscasdecolores.com/es/diccionario-gay>>. Acesso em 23 de maio de 2016.

<<https://expresionesyrefranes.com/2007/03/16/ser-un-bala-perdida/>>. Acesso em 23 de maio de 2016.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BONATTO, Adriana Virginia. *Género, literatura y memoria en la España del último entresiglos*. Eduardo Mendicutti, Rosa Regàs y Rosa Montero. 2014. Tese de Doutorado. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.

BRITTO, P. H. 2010. *O tradutor como mediador cultural*. Synergies Brésil n° spécial 2, Disponível em:<[http://gerflint.fr/Base/Bresil\\_special2/britto.pdf](http://gerflint.fr/Base/Bresil_special2/britto.pdf)>.

BUTLER, Judith. *Críticamente subversiva*. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icària editorial, 2002, p. 58.

COSTA, Walter Carlos. *O texto traduzido como re-textualização*. Cadernos de tradução, v. 2, n. 16, p. 25-54, 2005.

*Diccionario de la Real Academia Española*. Disponible en :<<http://dle.rae.es/?id=4quktLm>>. Acesso em 23 de maio de 2016.

FUMIS, Daniela. 2013. *Vínculos familiares, zonas disruptivas. Configuraciones fraternales y filiales en El mundo de Juan José Millás y El palomo cojo de Eduardo Mendicutti*. III Congreso Internacional de Cuestiones Críticas. Disponível em: <[http://www.celarg.org/int/arch\\_publici/fumis\\_danielacc.pdf](http://www.celarg.org/int/arch_publici/fumis_danielacc.pdf)>.

GARCÍA, Mariángeles. Disponível em: <<http://www.losfilologos.com/portal/index.php/linguistica/943-el-origen-de-la-palabra-qcafreq>>. Acesso em 23 de maio de 2016.

GARCÍA, Mariángeles. 2014. Disponível em: <<http://www.yorokobu.es/y-tu-mas-cafre/-Mariángeles>>Acesso em: 20/05/2016.

LÓPEZ, Alfred. 2008. *¿De dónde surge el término 'cafre' para referirnos a alguien zafio o rústico?* Disponível em: <<http://blogs.20minutos.es/yaestaellistoquetodolosabe/que-es-ser-un-cafre/>>. Acesso em 25 de maio de 2016.

LÓPEZ, Alfred. 2013. *¿De dónde surge la expresión ‘tener más cuento que Calleja’?*. Disponível em: <<http://blogs.20minutos.es/yaestaellistoquetodolosabe/de-donde-surge-la-expresion-tener-mas-cuento-que-calleja/>>. Acesso em 23 de maio de 2016.

MENDICUTTI, Eduardo. *El palomo cojo*. Barcelona: Tusquets Editores, 1991.

MENDICUTTI, Eduardo. *O pombo manco*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Record, 1998.

RICŒUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

RODRIGUES JÚNIOR, Adail Sebastião. *‘Gender-bend (er) ing’ male identity: first steps in search of a critical-discursive approach to gay literature translation*. 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. Editora Ática, 2004.

SAXE, F.N. (2010). *La identidad gay masculina en la literatura española. El caso de la narrativa de Eduardo Mendicutti*. IV Congreso Internacional de Letras, pp. 89- 95. Disponível em: <<http://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2013/06/La-identidad-gay-masculina-en-la-literatura-esp%C3%B1ola-El-caso-de-la-narrativa-de-Eduardo-Mendicutti.pdf>>.

**ANEXO I - TRADUÇÃO**

**O pombo manco**  
**Eduardo Mendicutti**

Tradução: Douglas Martins C. Souza

*“Onde quer que se toque, a memória dói”*

Yorgos Seferis

*“Todas as famílias felizes se parecem, e as infelizes são cada uma à sua maneira”*

Leon Tostoi



**PRIMEIRA PARTE**

**Junho**

## CAPÍTULO I - A FEBRE<sup>5</sup>

Meu pai apreciava muito a beleza masculina. Por isso casou-se com mamãe.

Minha mãe era muito feminina e tinha um estilo respeitável, mas em casa fazíamos sempre o que ela dizia, meu pai tomava por brincadeira e dizia que aqui sua mãe é quem usa calças. Por isso, quando adoeci, minha mãe foi quem organizou tudo e meu pai não deu um pio.

O médico havia dito que eu deveria ficar de cama e sem estripulias, que a febre seguramente duraria algum tempo e que necessitava muito repouso, muito cuidado com a umidade e as correntes de ar, muitas vitaminas, muito líquido, uma injeção diária e, principalmente, tranquilidade. Repetiu milhões de vezes sobre a tranquilidade e minha mãe disse: — Esse moleque, sempre tão oportuno. Quando o médico foi embora, minha mãe fitou-me com se eu tivesse culpa de ter adoecido, e depois passou dias inteiros reclamando:

— Puxa vida, Deus do céu, logo agora que o verão está chegando.

Nunca me disseram o nome da doença, de modo que acabei pensando tratar-se de uma doença feia, suja, que acometia aos meninos de rua, e por isso minha mãe me fitava assim. Mas eu só a havia sentido de repente, quando brincava no pátio, uma pontada forte nas costas, por dentro, entre as costelas, e fiquei paralisado, sem poder respirar, sem poder me movimentar.

Encolhi-me como se estivesse a ponto de levar uma surra, e sentia uma dor tão forte que não era capaz de pensar em outra coisa, como se o ar estivesse preso no peito, me asfixiava, e não podia falar. Manolín e Diego, que estavam brincando comigo, também ficaram bem quietos, assustados, sem saber o que fazer. Só depois de um tempo, que me pareceu uma eternidade, Diego começou a gritar chamando minha mãe, mas quem apareceu foi Antônia, a babá. Minha mãe não estava, tinha ido jogar canastra com as Caballero – três irmãs que aparentavam ao menos trinta anos, solteiras, que moravam em uma casa estupenda, no final da rua, e não se casavam por que não encontravam nenhum homem a sua altura, como dizia minha mãe, com ironia, – e então, logo que Antônia me colocou na cama, senti febres altíssimas e já começou todo o falatório do médico, o enfermeiro, as visitas, as ligações do irmão Geraldo dizendo que a classe inteira rezava por mim.

Durante uma semana estive com muita febre. Passava o dia sonolento, como se tivessem me dado um narcótico – quando falavam comigo era como se todos estivessem distantes e não

---

<sup>5</sup> Em espanhol “*destemplanza*”, significa, além de febre, uma sensação de mal— estar, podendo ser físico ou emocional.

pudessem fazer nada para me ajudar –, mas não me lembro de como me sentia de verdade, porque acredito que não me sentia de nenhum modo. Quero dizer que não me dava conta. Sequer me lembro dos pesadelos, foi o que Antônia me disse depois, que quase todas as noites delirava e dizia coisas estranhíssimas, ardendo em febre. Isso era o que dizia Antônia, que era quem ficava comigo durante a noite.

Ainda bem ter durado apenas uma semana. Depois, comecei a me sentir melhor e o médico disse que o pior já havia passado. Pouco a pouco, a febre foi baixando e a dor nas costas diminuindo, já era possível respirar sem o peito chiando a todo o momento, na verdade aqueles estalos demoraram bastante para desaparecer; quando menos se esperava, inclusive estando já na casa de meus avós, o escutava, de repente, ao respirar, e então me assustava, porque era como se fosse um aviso de que não curaria nunca. Mas a febre alta acabou quase por completo. Depois de alguns dias, ao entardecer, minha temperatura subia um pouco e José Joaquín García Vela, o médico, dizia que isso era normal, até certo ponto – me dei conta de que cada vez que isso ocorria preocupava-se um pouco, mesmo tentando disfarçar –, disse que a febre é sempre muito chato e que era imprescindível tomar muito cuidado.

– A febre pode durar o verão inteiro, até mais, caso não seja tratada. Colocavam o termômetro na minha virilha– que, como dizia Antônia, era onde se deve colocar o termômetro nos homens, na boca somente mulheres e crianças pequenas, no sovaco os caminhoneiros, e na bunda os gays – e sempre tinha algo. Trinta e sete ponto três, trinta e sete e meio ou trinta e sete cravado. Sempre algo.

— Que sacanagem!<sup>6</sup> — dizia o médico, com muita seriedade, com cara de preocupação, não porque eu fosse bater as botas, obviamente, mas porque todos pensavam que o médico era um tonto e inútil. Na verdade a febre não era de todo desagradável. Eu sentia um calorzinho muito especial, cócegas suaves nas bochechas e vontade de pegar no sono, mas só isso, só um pouco de preguiça e lerdeza. Com a febre, na cama estava bem, não como quando alguém tem febre alta, que está a todo o momento delirando e suando, ou quando não tem nada e está numa chatice só. Acredito que com a febre é possível passar pelas coisas mais alegres ou mais tristes como se fosse outra pessoa.

Obviamente a febre não era tudo. Depois de milhares de análises e radiografias, acabei tendo anemia e desidratação, e não sei quantas coisas mais. Como disse Antônia, estava só o pó<sup>7</sup>,

<sup>6</sup> A expressão “*tener guasa*” possui diversos sentidos, podendo referir-se a “ter graça” ou no sentido de ironia.

<sup>7</sup> Em espanhol: “*estaba hecho um escarque*”.

assim como minha bicicleta, que era do tempo de Matusalém. Um desastre, se levarmos em consideração que éramos uma boa família. No entanto, como dizia tia Emília, irmã de meu pai, quando vinha a nossa casa e via tudo tão descuidado, o importante era ter saúde, e o médico para me tranquilizar, obviamente, explicou-me que eu estava crescendo muito depressa –que não era normal ter dez anos e estar tão alto quanto estava– e que necessitava muito repouso e comer bem, sem arrumar nenhuma confusão, nem nos estudos.

Já era quase verão e tive de perder o ano. O médico disse que não devia nem pensar nas provas, que a saúde vinha em primeiro lugar e que, obviamente, nada de excursões pelas dunas, nada de brincadeiras, nada de praia. Só ficar na cama bem quietinho, pensando em melhorar logo.

Por isso minha mãe passava o dia inteiro resmungando, que lástima, polo amor de Deus, este garoto tão antipático como sempre. Dizia isso a todos, não estava nem ligando se eu ouvisse. A princípio isso me machucava um pouco, porque para ela era como se eu tivesse culpa de estar doente, depois acostumei e quase não me importava, principalmente quando tinha febre alta e imaginava ser algum de meus irmãos perturbando minha mãe. Ela vinha murmurando e fazendo caretas toda vez que colocava o termômetro e dava-se conta de que a febre não passava, e eu não dando a mínima<sup>8</sup>.

—Isso no fundo tenho que admitir que minha mãe talvez tivesse um pouco de razão. Aquilo era um fardo para todos. Todo o mundo tinha que passar o verão inteiro dependendo de mim porque, de acordo com o médico, não podiam levantar, mas na realidade sem que eu estivesse mal de verdade. Não mal de morrer, longe disso. Só estava um pouco aturdido —um pouco murchinho, como dizia Antonia— passava o dia deitado na cama lendo ou pintando virgens, que era o único que fazia direito. Isso me entediava muito, pensava em coisas maravilhosas que gostaria de ser quando fosse adulto. Como, por exemplo, artista de cinema.

—Esse sempre fazendo drama<sup>9</sup>— dizia meu irmão Manolín, que nunca teve muita imaginação, repetindo sempre o que dizia todo mundo, além de achar que era um mar de graça. Na época Manolín tinha nove anos, mas não mudou nada com o tempo.

---

<sup>8</sup> (...) y yo como si oyese llover.

<sup>9</sup> Em espanhol: “—Este tiene más cuento que Calleja”, expressão utilizada para referir-se a uma pessoa que inventa ou conta muitas histórias. Saturnino Calleja foi proprietário do *Editorial Calleja*, que começou a publicar contos em 1879, tornando-se muito popular pelo preço baixo de suas publicações.

Diego e Manolín entraram de férias e aquilo sim foi um drama. Diego na época era bem pequeno, porém muito mais esperto que Manolín. Como Antonia tinha que levá-los às dunas, porque se ficassem em casa todo santo dia, aprontavam um inferno, minha mãe não tinha outro remédio a não ser estar comigo, não podendo ir jogar canastra na casa das Caballero, para fofocar horrores<sup>10</sup>. Estava com um humor de dar coice ao vento<sup>11</sup>. De modo que depois, passadas três semanas de eu estar convalescente, e como o médico seguia insistindo que eu não podia me mover da cama, um dia minha mãe ficou meio histérica e decidiu, sem mais nem menos, que eu estaria muito melhor na casa de meus avós, mais bem cuidado e ela mais tranquila —e com as tardes livres, naturalmente—, e que, além disso, serviria de entretenimento para minha avó cuidar de mim, porque a pobre estava se sentindo muito sozinha desde que tia Blanca havia casado.

Pelo visto, pareceu uma ideia estupenda a todos, mas sequer me consultaram. A única coisa que minha mãe disse foi: —Amanhã te levaremos a casa de seus avós para que fique lá o verão inteiro.

---

<sup>10</sup> (...) *ponerse morada de chismorrear*.

<sup>11</sup> *Estaba de um humor de perros*.

## CAPÍTULO II - A MELHOR CASA DO BAIRRO ALTO

A casa de meus avós era luxuosa e de muito prestígio. Situada no Bairro Alto, ao final da *Cuesta Belén*, onde do terraço era possível ver a cidade inteira, os campanários de todas as igrejas, os telhados de todas as bodegas, com os nomes das boas famílias pintados em letras grandes, se seu sobrenome não aparecesse em nenhuma fachada ou telhado, certamente não era de boa família. Era possível ver também o Castelo de Santiago e, ao fundo, entre as casas do Bairro Baixo, a desembocadura do *Guadalaquivir* e o mar como um bolo azul que se esponjava ou se afilava seguindo o movimento das marés.

Justamente de frente à casa de meus avós estava o palácio dos Infantes de Orleans, que quase nunca apareciam por lá, não que eu me lembre; parece que preferiam o Botânico, outro palácio com um parque imenso, na entrada do povoado e que todos diziam ser lindíssimo.

Tia Emilia, irmã de meu pai, antes ia muito às festas da infanta Dona Beatriz, porque tia Emilia sempre foi um mar de elegância, uma coisa ruim, acredito que com isso compensava um pouquinho seu primeiro sobrenome, que é o meu, que mesmo sonoro e original, não aparecia sequer por casualidade pintado em muros ou no telhado de alguma bodega.

Dona Beatriz logo morreu, fizeram um funeral divino no povoado, muitíssimo melhor do que o que fizeram em Madri, e desde então quase não havia mais festas no Botânico, nem no palácio do Bairro Alto e, quando ocorriam, por mais que algum dos filhos da infanta se empenhasse, já não eram como nos velhos tempos. Isso dizia tia Emilia, como muita tristeza.

Quando meu pai e minha mãe se casaram – antes de serem meu pai e minha mãe, obviamente – tia Emilia conseguiu com que os infantes lhe convidassem uma tarde para lanche, e minha mãe sempre que contava essa história era com cara de zombaria. Acredito que no fundo minha mãe sempre pensava que uma Calderón é, pelo menos, tão importante quanto uma Orleans, ainda mais desde que Espanha foi proclamada República, principalmente no povoado, onde os Calderón Lebert sempre tiveram muito prestígio. Quando era jovem, minha mãe adorava caçoar dessas coisas, deixando tia Emilia horrorizada, que dizia que aquilo era um sacrilégio.

— O que acontece com Emilia – dizia mamãe, é que tem complexo porque sempre viveu no Bairro Baixo<sup>12</sup>. Entendo que é algo que não se pode remediar.

Por conta disso, tia Emília tinha uma mágoa tremenda. Tio Ramón, irmão mais novo de minha mãe e o ovelha negra da família, também se metia com a pobre tia Emília, enquanto encartava e lhe dizia que naquele povoado as pessoas de bem sempre haviam vivido no Bairro Alto<sup>13</sup>, que o Bairro Baixo era para gente de classe média, por mais que tentassem, e para os marinheiros da Rua Barrameda. Tia Emília até ficava corada e dizia que tio Ramon era um safado e cafajeste, mas que tinha muita distinção e elegância.

Toda a família Calderón Lebert tinha uma elegância estonteante, como dizia tia Emília, e que eu estava em vantagem por ser seu parente. Passava a maior parte do tempo visitando a casa de meus avós, uma casa que, como já mencionei, além de estar no Bairro Alto, era enorme e de muita categoria, mesmo que por fora não parecesse tanto; na realidade, os Calderón Lebert sempre foram especiais e nunca se dedicaram a conjecturar sobre o que poderiam ter nem de levar um sobrenome tradicional, um sobrenome pintado com letras gigantes nos muros de todas as bodegas da família. Nunca conjecturaram nada disso, exceto, talvez, minha mãe e tia Branca quando eram jovens e se embriagavam um pouco no Chin-Pún.

Na casa de meus avós havia um pátio grande e arejado, todo de mármore, com um poço ao centro, também de mármore, maravilhoso, e filicíneas gigantes em vasos enormes junto às colunas. No pátio havia um eco e uma luz estranha; se alguém ficasse ali por um momento, a hora que fosse, e parasse para pensar, parecia sempre que estava a ponto de anoitecer. Eu não gostava muito do pátio, sem saber muito bem porque, talvez por culpa daquele eco e da penumbra perpétua que fazia com que se sentisse mareado, preferindo mil vezes qualquer terraço da casa, dos que se podia ver o povoado inteiro, e onde se podia compreender, com aquela luz tão raivosa e tirana, que alguma vez pudesse ser de noite. Sobretudo no verão. No inverno, quando íamos visitar meus avós, quase sempre aos domingos pela tarde, voltávamos cedo para casa, e minha prima Rocío aproveitava para se gabar porque sempre a deixavam ficar até tantas da noite.

---

<sup>12</sup> A expressão *barriobajero* é utilizada para designar não somente pessoas que vivem em Bairros Baixos. Segundo o *Diccionario de la Real Academia* pode ter o sentido pejorativo de pessoas com atitudes inadequadas, sejam no comportamento ou modo de falar.

<sup>13</sup> Expressão utilizada em contraposição a *barriobajero*, citada anteriormente.

Prima Rocío era filha única de meu tio Esteban, irmão mais velho de meu pai, e nasceu no mesmo dia que eu, mas por quatro horas de antecedência, que lhe servia para afligir continuamente. Falava de maneira afetada e julgava um montão de coisas sem nenhum fundamento, embora tenha que reconhecer que a história da sacada era algo que me deixava entristecido. A sacada era um cômodo enorme e bagunçado próximo ao sótão do último andar e, no inverno, algumas tardes de domingo, quando chovia, nos deixavam entrar ali por ser onde dávamos menos trabalho. Na sacada havia móveis velhíssimos amontoados, louças que não dava para saber o que eram nem para que serventia, baús cheios de roupas do tempo do onça e uma misteriosa coleção de retratos a óleo empoeirados, retratos que me pareciam ser de alta estirpe – tia Emília havia me mostrado essa palavra que me encantava – e eu não entendia porque todos os cômodos ou galerias da casa não tinham paredes cheias daqueles senhores e senhoras tão aparentes. Certa vez perguntei a minha mãe e ela só sabia dizer: — Ai, por Deus, com muito espanto, como se o retrato lhe desse arrepio. Prima Rocío, que sempre foi muito romântica, jurou-me que conhecia o segredo, porque de algo tinha de servir o poder de ficar na casa de meus avós, no inverno, quando anoitecia. Rocío me explicou que todos aqueles homens e mulheres dos quadros eram nossos antepassados e que passavam as noites gemendo e conversando entre eles desenfreadamente.

—Se queixam das penas do purgatório – disse-me—, e pedem orações e missas em quantidades que toda nossa família junta não poderia se encarregar disso porque nos arruinaríamos. De modo que não houve outra solução a não ser trancafiá-los no terraço. Mas se ficasse por lá durante uma noite, poderia ouvir as súplicas e lamentos por toda a casa.

De modo que, quando minha mãe decidiu que me levariam no outro dia pela manhã à casa de meus avós para passar todo o verão, o primeiro que pensei, na verdade, foi que finalmente iria poder ouvir aquelas almas do purgatório pedindo por missas, humilhando toda a família Calderón Lebert, que não estava disposta a gastar um centavo na salvação eterna de seus antepassados, até dizendo grosserias. Rocío iria ter um chilique quando soubesse que eu poderia escutar durante a noite inteira, e não só por um tempo como ela.

Como qualquer um pode compreender pelo que disse, a casa de meus avós não era uma casa comum, e isso não foi o começo. Mary, uma moça que trabalhava da casa, me disse que aquilo era um *panpelingua com tomate*. Eu perguntei o que significava *panpelingua* e ela me disse que não tinha ideia e que, além disso, não dava a mínima para o que significasse, mas que para ela soava como um barulho estrondeante e que por isso dizia. Mary falava assim toda



a hora. Dizia que aquela casa estava lhe fazendo mal para os nervos, e que com os nervos descontrolados não tinha papas na língua, não sei se era para tanto, mas a verdade é que o que ocorria ali certamente não ocorria em nenhum outro lugar.

Havia, por exemplo, aquele odor, um odor que não voltei a encontrar em nenhum outro lugar. Era um odor espesso, doce e um pouco enjoativo; um odor que te acompanhava por toda a parte, mas que não era o mesmo em todos os quartos, sendo mais forte ou mais suave de acordo com o cômodo, como se fosse um odor inteligente e bem educado, e soubesse o que convinha a cada lugar e a cada momento.

Muita das tardes em que íamos visitar meus avós me distraía tentando descobrir o odor de cada quarto, de cada móvel, das cortinas da sala de jantar ou das almofadas das poltronas e das cadeiras de balanço do escritório onde minha avó, minha mãe, minhas tias e as senhoras que iam diariamente lanchar, faziam crochê e jogavam baralho. Para mim era como descobrir a alma de cada cômodo, até tocar um pouco e submergir nela os dedos suavemente como no ventre da cadela Yoli quando estava esperando filhotes.

A luz naquela casa também era algo muito especial, sem comparação com a que havia em nosso andar ou em outras casas que conhecia. A luz era meio esverdeada e parecia que era possível tocá-la. Era mais clara a que entrava pela pelas sacadas envidraçadas que davam para a Rua Caballero e ao Palácio dos Infantes, mais amarela e como que ondulante a que vinha da *Callejuera* do Monte de Piedad, mais alaranjada a que entrava pelas alcovas do terraço ao primeiro andar, deslizando como uma grande serpente adormecida entre as trepadeiras e as persianas de cor marfim. Era uma luz que, misteriosamente, sempre deixava um pouco de resplendor, até quando anoitecia, como se compreendesse que, mesmo estando o mundo como estivesse, naquela casa fazia falta um pouquinho de claridade de madrugada.

Ao anoitecer, na casa de meus avós seguiam passando coisas como se nada, como se fosse perigoso, e todos ficavam quietos e em silêncio. Por um lado, estava aquele amontoado de nossos antepassados do mirante e, por outro, a andança interminável de tio Ricardo. Tio Ricardo era o filho mais novo da bisavó Carmen, muito mais jovem que meu avô, tio Antônio e tia Victória. Tio Ricardo sempre foi meio pirado, mas levava todas suas manias com muita dignidade e desenvoltura. Só saía à noite de seus cômodos no andar de baixo, sempre vestindo pijamas, e nunca entendia como os outros conseguiam fazer tantas coisas seguidas sem ficarem confusos. Ele tinha que fazer tudo com bastante parcimônia, de modo que passava

bastante tempo em cima, para não viver no mesmo ritmo que todo o mundo. De forma que, por exemplo, tomava café da manhã às sete da tarde, almoçava – com um pouco de sorte – à meia noite, tocava o sino pedindo o lanche da tarde junto com o pôr do sol e jantava ao meio dia; a partir daí, começava de novo a atrasar e encaixar em horas estranhíssimas as comidas, a higiene de sua limpeza pessoal – muito gargarejo e purgante para estar impecável por dentro, mas a aparência externa era esquecida durante meses e dava até pena vê-lo—, as tentativas inúteis das empregadas em arrumar um pouco sua alcova, seu armário e seu escritório, e seus passeios perfeitamente cronometrados à praia de Valdelagrana, no Porto, sempre em carros de aluguel com motorista que passavam horas estacionados em frente à casa e que custavam um dinheirão.

—Mas o dinheiro é seu e gasta como lhe dá na telha – dizia Mary. —Está certo ele. De qualquer forma, qualquer um podia compreender que organizar todo aquele jubileu, e ainda por cima cuidar de suas pombas — porque tio Ricardo criava pombas e fazia com elas coisas de muito mérito—, devia ser algo espantoso, e assim o pobre ficava toda hora dizendo: —Que confusão! —Que confusão!

A verdade é que eu via muito tio Ricardo atarefado com as pombas e fazendo com elas as habilidades tão incríveis que Mary me jurava tê-lo visto fazer. Dizia Mary que tio Ricardo deixava as pombas de lado, mas sempre olhando para o mesmo lugar, em direção ao campanário da Paróquia, e que lhes mostrava fotos, desenhos, fazia caretas, falava com elas como os dedos como se fossem surdos mudos e estivesse adestrando-os. As pombas mais espertas eram capazes, de acordo com Mary, de reconhecer alguma pessoa se tio Ricardo tivesse mostrado uma foto antes com suficiente paciência e teimosia, mas eu nunca acreditei em tudo. Na realidade, digo, era difícil encontrar tio Ricardo dois dias no mesmo lugar e na mesma hora e, pensando bem, era raríssimo que as pombas pudessem segui-lo ou obedecê-lo, por pouco que fosse, naquela bagunça. Como Mary passava o dia todo perambulando, andava mais a parte dos progressos assombrosos de tio Ricardo com as pombas e dizia que às vezes tinha que se beliscar para acreditar no que estava vendo, porque ficava atordoada. Eu só via as pombas esvoaçando pelo pátio e pelo sótão e escutava, isso sim, aquele arrulho que enchia a casa de zunzum com um fervor de murmúrios.

Certa tarde, pouco antes daquele verão que passei convalescente e meio aturdido por conta da febre e das coisas que passaram na casa de meus avós, foquei o olhar em uma pomba que passeava, com um movimento estranho e fresco, pela pequena mureta do sótão e não sei

porque – talvez por conta de ter sido um daqueles dias nublados que desde que eu cheirava a leita, como dizia Mary, que me deixava meio murcho— em seguida pensei que era uma pomba triste e solitária, que estava passando mal. Coisas assim aconteciam comigo de vez em quando. Desde aquela tarde, comecei a ver aquela pomba quase todos os dias que íamos à casa de meus avós e quando pude disse a Mary. Ela riu de minha ideia e me explicou depois, dando ar de entendida, que não era uma pomba e sim um pombo, e que a única coisa que se passava com ele é que havia nascido manco, eu já sabia o que diziam dos pombos mancos. Mary disse que era uma lástima, porque era um pombo bonito, pintado de negro, ou seja, *zarandali* e, além disso, *zumbón*, com aquele papo pequeno e alto que lhe dava um ar fino e elegante. Ninguém tinha culpa de que ele mancasse e as pombas o ignoravam.

— Um a menos pra trazer pombas ao mundo – disse Mary—, são uma peste.

Não sei por que me lembrei de quando tive de experimentar a roupa de primeira comunhão, como uma roupa de marinheiro e calças largas, e o alfaiate, ao provar pela primeira vez disse: — Uiii, este garoto tem a perna mais curta que a outra, e isso era verdade porque a perna esquerda estava um pouco maior. Minha mãe disse para não me preocupar, que era besteira e que acontecia com todo mundo, mas eu fiquei vários dias me olhando no espelho do guarda-roupas de seu quarto e, pouco a pouco fui esquecendo, demorei muito para entender a ideia de ser manco, por pouco que fosse e por mais que dissesse a mim mesmo que ninguém notava.

À minha prima Rocío, desde então, não contei nada, pelo jeito que era iria caçoar de mim, mas a Antônia, a babá, confessei e ela me disse para não ser tão noveleiro, pois se imaginar ser manco acabaria acreditando ser o conde Drácula. Nunca disse nada a Mary.

Mary dizia que as pombas eram umas pestes porque sujavam tudo, e minha mãe e tia Blanca também implicavam muito com as pombas de tio Ricardo porque destroçavam os telhados e, como seguissem se multiplicando daquela forma, acabariam com a casa inteira. E quando a casa fosse uma ruína — ou simplesmente, quando desaparecessem os avós, pela lei da vida — quem iria cuidar de tio Ricardo? Era uma das grandes preocupações da família desde que tio Ricardo começou a ficar biruta e rompeu o noivado com Reglita Martínez, uma meio parente nossa com que tio Ricardo levava mais de dez anos de relacionamento.

Desde então —ou seja, há séculos—, a encarregada de cuidar de tio Ricardo era a velha ama Caridad. Como dizia tia Blanca, com uma cara horrível de resignação, a ama Caridad era uma verdadeira relíquia na casa dos Calderón Lebert. Já era bem velha quando eu tinha dez anos, e

estava na casa de meus avós desde que era mocinha, pouco antes de minha bisavó casar-se, e ela havia criado meu avô e a todos os seus irmãos, por isso meu avô tinha muito apreço por ela e minha avó, que era uma santa, consentia tudo a ela. Acredito que minha mãe e tia Blanca tinham bastante ojeriza pela ama Caridad, mas como tinha bastante apreço no cuidado de tio Ricardo procuravam dissimular o máximo possível. Ama Caridad, além disso, tinha uma coisa muito misteriosa e interessante, jamais voltei a encontrar em minha vida alguém igual tivesse a mesma coisa. Ama Caridad não tinha algo que todo mundo tem. Eu ficava fascinado. Ama Caridad, para dizer de uma vez, não tinha perfil. Bem, o que não tinha era o perfil direito. Ela mesma contava a todo mundo. Quando estava te olhando de frente, de súbito virava a cabeça à esquerda e dizia, sem a menor hesitação, agora não vejo o que se diz nada, uma nuvem, é porque não tenho perfil.

Os adulto diziam sempre uiiii Caridad, por Deus, que coisa estranha, não posso acreditar; dava para perceber que estavam sendo falsos para tira lá de perto. A verdade é que eu, no começo, via o perfil, mas parece que era o perfil esquerdo que transparentava, como ela me explicou. Logo, pouco a pouco, fui me dando conta de que era certo, que conforme ela girava a cabeça para a esquerda ia borrando o nariz, a papada, o perfil inteiro, mas Mary disse-me que ama Caridad o que tinha é que era vesga, vesga perdida, e minha mãe também quis me tirar da cabeça explicando que ama Caridad tinha catarata no olho direito, e isso sim que tinha de ser impossível. Uma vez sonhei com o olho da ama Caridad e, dentro, uma catarata como as do Niágara ou as de Iguaçu, mas depois acordei e estava claro que minha mãe me havia contado uma baboseira.

Não sabia o porquê. Não tinha nada de mais que ama Caridad não tivesse perfil. E é claro que a pobre ficava aborrecidíssima martirizando-se — porque se o rosto continuasse borrando acabaria ficando sem ele — e contanto sua vida de cabo a rabo, mas, se alguém lhe deixasse falar, mesmo se fizer o menor caso, ela ficava super contente. Pela noite, quando andava farejando pela casa com a desculpa de atender tio Ricardo, ficava sozinha, em voz alta, uma peroração interminável, mas parecia chamar mais atenção de ninguém nem pareciam dar a mínima.

— Seus avós — disse-me com muito mistério, uma vez a surpreendi falando como uma tagarela de um pretendente que ela teve quando jovem, inclusive antes de servir, sentada junto a minha avó que dormia como uma santa na cadeira de balanço da sala de jantar — precisam distrair-se um pouco, coitadinhos.

Eu não entendia, na verdade, que a ninguém podia faltar distração naquela casa.

Meus avós formavam um casal muito apreciável e silencioso, notavam tudo com muita tranquilidade e, desde então, compreendia perfeitamente que tio Ricardo necessitava preparar o almoço — sopa de maisena, presunto, um toucinho de céu y uma copa de Quo Vadis, o vinho da família — às quatro e dez da madrugada, ou que ama Caridad mostrasse seus fantásticos achaques diante de qualquer um que aparecesse, do vendedor de água que entrava pelo pátio falso todas as manhãs com seu burro carregado de vasilhas que sempre respingavam, ao o presidente do Ateneu, grande amigo de meu avô, ou as *Hermanitas* dos pobres, que iam pedir todas as sextas-feiras, sem faltar uma, a hora sonâmbulas da sesta. Minha avó recebia muitas visitas e formava, todas as tardes, na sala de estar, umas tertúlias bem animadas, com taças minúsculas de café, dezoito *tuertas de aceite* recém trazidas da Casa Guerrero e um copinho de moscatel de última hora, que era a deixa para que as senhoras se retirassem quando minha avó começava a sentir-se cansada. Todas as senhoras que estavam de visita falavam muito, mesmo que em voz média, e a sala de estar se enchia de murmúrios que pareciam cheio de espuma. Minha avó ficava quieta quase todo o tempo, sorrindo. Meu avô, no entanto, se reunia no escritório, para falar de negócios e das notícias que chegavam de Madri, com tio Antônio, Don Sexto o do Ateneu, José Javier García Vela — que era o médico da família e de toda boa família da cidade— e o padre Vicente, um padre capuchino que cheirava a incenso velho, que confessávamos todos ao sábado meio-dia, no confessionário que ficava junto à capela de minha avó. Eu espiava também a conversa dos homens, apesar de o que mais lembrar é o aroma do tabaco e o odor inconfundível que saía de escritório.

Em certas ocasiões, aquelas tertúlias de meus avós, sempre estritamente separadas, sobressaltavam-se um pouco, principalmente quando chegava tia Vitória, a artista da família, “para passar uns dias”. Tia Vitória se apresentava de improviso e quase sempre vinha do exterior, porque passava a vida viajando, gastando sua parte do negócio, dando recitais nos lugares mais estranhos, mandando postais de cidades incríveis e recebendo — durante o ano inteiro e na casa de meus avós, porque era esse o endereço que sempre dava como fixo — cartas de pretendentes que pareciam todos polacos ou neozelandeses, pela quantidade de consoantes que usavam em seus sobrenomes.

Mal chegava e já se reunia com meu avô e com tio Antônio para tratar da venda de outro pacote de ações — porque a arte, quando séria, não dá para nada, dizia — com a tristeza de

seus irmãos, que tratavam de explicar em vão que o negócio da família já não era mais o que era antes. Ela se fazia de surda e logo saía, radiante, à reunião das senhoras, causando alvoroço. Tia Vitória contava sempre um montão de histórias cheias de luxo e atrevimento, dizia muitas picardias, fazendo com que as mulheres ficassem meio frenéticas e se divertiam horrores. Minha avó — que sempre foi um pouco careta, a verdade seja dita — se animava horrores com aquela sua cunhada louca, e eu, do corredor, por sua maneira de falar — o pouco que falava — e de rir, percebia que se divertia divinamente.

Naquele ano, pouco antes de minha mãe me levar à casa de meus avós para ela poder ter aquelas tardes livres, e como se nessa casa faltasse animação, a bisavó Carmen começou a ficar esquisita. Os cômodos da bisavó Carmen, mãe de meu avô, estavam no segundo andar, onde era cuidada com revezamento de turno por duas mulheres para não deixá-la sozinha durante a noite, além de uma senhora de companhia super disposta, Adoración, que se ocupava para que tudo estivesse em ordem. A bisavó Carmen sempre foi um saco para todas as coisas, de modo que a senhorita Adoración tinha lá seu mérito, apesar de também ser verdade que cobrava a preço de ouro, como dizia minha mãe. A bisavó Carmen, para dizer uma de suas esquisitices, não recebia visitas — sequer a de seus filhos ou de sua nora Magdalena, minha avó, que desde que se casou com meu avô passou a ser a senhora da casa e a ocupar com seu marido, seus filhos e criados os cômodos principais— mais que os sábados e domingos de quatro a seis da tarde. Somente de quatro a seis. Jamais fazia exceções e nunca recebia mais de duas pessoas ao mesmo tempo, de modo que a senhorita Adoración levava um caderno muito lindo onde anotava o nome dos visitantes e o horário correspondente, às vezes com semanas de antecedência.

Por mais estranho que pareça, as amigas da família não se entediaram e os encontros com Carmen Lebert haviam se tornado uma tradição no povoado, que ao menos as senhoras de famílias de bem, não podiam deixar de cumprir regularmente. Mas no verão de 58, Carmen Lebert — que com quase noventa anos havia conservado uma saúde e uma lucidez, segundo minha mãe, insuportável — começou a sofrer uma série de achaques galopantes que obrigaram a senhorita Adoración a cancelar todas as visitas, exceto as do médico — que assegurava sem nenhum apuro que não entedia nada do que ocorria com aquela senhora— e as de meu avô e tio Antonio. Pelo visto, começou a perder controle e ao final de algumas semanas passava o tempo inteiro pedindo para comer e beber e ir ao banheiro sem nenhuma necessidade. Começou a dizer que não reconhecia ninguém, apesar de que, para compensar, começou a lembrar de uns amores que, segundo ela, teve quando jovem com uma quadrilha

inteira de bandoleiros; enquanto tia Blanca garantia, inquieta, que tudo aquilo era uma insensatez, minha mãe dizia entre muitas risadas que não estranhava nada que fosse verdade. A senhorita Adoración passava o dia todo rezando e minha avó encarregada na Paroquial de uma dezena de missas por sua sogra.

Ao contrário do que possa parecer, aquela maneira de desvairar que atingiu a bisavó Carmen não atrapalhou em nada aquela loucura daquela casa. As visitas já não entravam mais no quarto, mas nem por isso acabou aquele entra-e-sai de senhoras que vinham sempre de duas em duas, com tempo de sobra para subir com uma parcimônia de campeonato os longos degraus da escada que levava ao segundo andar, entre gemidos de cansaço e fofocas de todos os tipos. Com frequência, as que tinham brigado com a senhorita Adoración — que em nenhum momento se deixou abrandar ou subornar para permitir a entrada ao quarto a nenhuma daquelas papagaios — encontravam-se na entrada da escada, em umas cadeiras que minha avó ordenou serem colocadas e que acabaram tornando-se o patamar em uma verdadeira salinha de estar, com umas tertúlias muito entretecidas. Tio Ricardo odiava a todas com verdadeira paixão — Mary dizia que por culpa delas tio Ricardo não visitava sua mãe, a bisavó Carmen, havia muitos anos —, mas eu acredito que se aquelas senhoras tivessem deixado de visitá-la, seria como se todas as paredes da casa de súbito começassem a descansar.

Para compensar o vazio que deixaram em seu quarto todas aquelas bruxas, a bisavó Carmen decidiu contar, por vezes aos gritos e incluindo canções obscenas velhíssimas, suas aventuras com aqueles bandoleiros que a trataram como uma rainha e foram matando uns aos outros o suicidando-se por amor. Era como um filme, e a bisavó Carmen inspiravam-se muito mais durante a noite, de modo que, entre umas coisas e outras, na casa de meus avós durante a noite sim que havia alvoroço e não na Feira de Sevilla.

Minha mãe, tão linda como sempre, devia pensar que, visto que estava meio mole e borocoxô, não ia notar nada e dormiria ricamente,

Mary, em contrapartida, enquanto colocava minha roupa no armário do quarto de tio Ramón, o irmão brincalhão de minha mãe, que foi onde me colocaram, olhou-me com ar de gozação e perguntou:

— Garoto, você fala enquanto dorme?

Disse que não.

— Ronca?

Disse que muito menos.

— Solta uns punzinhos?

Fiquei calado e encolhi os ombros, porque sabia que soltava alguns, mas fiquei com vergonha de dizer.

— Credo. Espirra? Sabe fazer algo com as orelhas?

Comecei a rir.

— Pirocudo, não ria que estou falando sério. Aqui, se não fizer nada de noite, não te dão café da manhã. Melhor ir ensaiando o que quer que seja.

Eu achava que estava zoando, por isso lhe disse:

— Algumas vezes tusso...

— Ai, lindinho, nem pensar. Essa é minha especialidade.

Mary começou a tossir como se fossem sair os pulmões.

— Isso é o melhor que sei fazer – disse – Vai pensando em outra coisa.

Deu-me o pijama e ficou me olhando para ver o que fazia.

— Menino, se te dá vergonha, espera que eu termine de arrumar a cama e vou correndo.

Eu tinha muita vergonha ficar pelado diante de Mary.

— Ai não tem nada para ver... — disse ela— Aposto que é tão pequeno que para pegar é necessário uma pinça.

Mary, como eu já havia dito, era a criada do corpo da casa, e tia Blanca a ajustou quando casou-se; segundo minha mãe, em pouco tempo tornou-se a dona de tudo. Tinha vinte anos e era loira, baixinha e nem gorda nem magra. Minha mãe, a primeira vez que a viu, disse que era muito ordinária falando e se movimentando, mas pareceu-me bastante linda e graciosa, apesar de, em seguida, ter me dado conta de que era uma fresca. Mary e eu desde o começo nos tornamos bons amigos.



— Me conta, é tão pequena que é necessário uma pinça?

Isso não era verdade.

— Antonia me disse uma vez que muitos homens feitos e direitos gostariam de ter o pinto como o meu.

— E quem é Antônia?

— A babá que temos agora em minha casa.

— É verdade que disse isso?

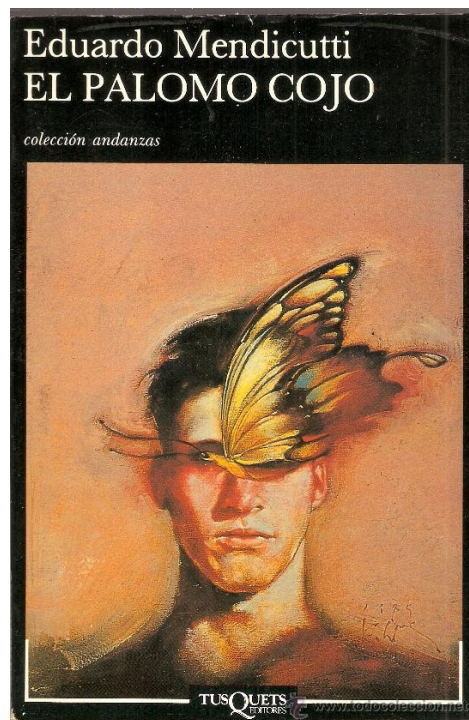
Ela perguntava enquanto continuava arrumando a cama, me olhando de rabo de olho.

— É sério que me disse. Um dia que estava me dando banho.

— Então se é verdade – disse Mary, olhando-me subitamente no rosto enquanto prendia bem o coque dos cabelos — , já sei o que pode fazer durante a noite. Menino, “isso” aqui ninguém faz durante a noite.

E quando disse “isso” fez uma cara de que parecia estar falando da melhor coisa do mundo.

## ANEXO II



Livro publicado em 1991 pela editora Tusquets.



Tradução publicada em 1998 pela editora Record, traduzido por Carlos Nougué